

LITERATURA E PSICANÁLISE: O DESVENDAR DO INCONSCIENTE HUMANO EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”.¹

Renata Furlan Prates ²

renatafurlanprates@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho possui como tema a análise da projeção da figura paterna no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, tomando como base a psicanálise freudiana, especificamente os conceitos de veneração, culpa e penitência, abordados no livro *Totem e tabu*. O objetivo é analisar como e por que ocorrem os processos de veneração, culpa e penitência, presentes no conto. A escolha deste tema surgiu da importância de conhecer o funcionamento psíquico humano e a evolução cultural do homem em sociedade utilizando como exemplo um texto literário. Assim sendo, este artigo possui a função de apresentar ao público uma possibilidade de análise do conto “A terceira margem do rio”, levando em consideração o estudo da ‘psique’ como forma de analisar os sentimentos do filho.

Palavras-chave: Totem; Tabu; Veneração; Culpa; Penitência.

RESUMEN: Este trabajo tiene como tema el análisis de la proyección de la figura paterna en el cuento “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, tomando como base el psicoanálisis freudiano, especificamente los conceptos de veneración, culpa y penitencia, presentados en el libro *Tótem y Tabú* (2012). El objetivo es analizar cómo y por qué ocurren los procesos de veneración, culpa y castigo, presentes en el cuento. La elección de este tema surgió de la importancia de conocer el funcionamiento psíquico humano y la evolución cultural del hombre en sociedad, utilizando como ejemplo un texto literario. Por lo tanto, este artículo tiene la función de presentar al público una posibilidad de análisis del cuento “A terceira margem do rio”, llevando en consideración el estudio de la ‘psique’ como forma de analizar los sentimientos del hijo.

Palabras clave: Tótem; Tabú; Veneración; Culpa; Penitencia.

¹ Trabalho de conclusão de curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura, UFFS, campus Realeza-PR, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso. Orientador: Prof Dr Saulo Gomes Thimóteo.

² Acadêmico (a) da 10ª fase do curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura, UFFS, *Campus Realeza*.

Introdução

E o enunciador se sente cada vez menor diante do homem que conseguiu aprisionar uma eternidade no vão de uma canoinha, que delimitou o infinito... O filho não pode corresponder à imensidão do Pai e se lhe resta alguma força é para rogar ao velho (ou a quem possa atendê-lo) que o perdoe. (TATIT, 2010, p. 124)

João Guimarães Rosa (1908-1967) é um escritor mineiro e relevante autor de obras-primas da literatura brasileira, com obras em que os personagens vivenciam conflitos existenciais, ora com o outro, ora consigo mesmos, e nas quais predomina a dualidade dos sentimentos, como o bem e o mal, a vida e a morte. Em geral, suas obras são ambientadas no sertão mineiro e seus personagens são indivíduos que, mesmo não dispoindo da sabedoria dos doutores estudados da cidade, contam com a experiência de vida do homem caboclo.

Em “A terceira margem do rio”, conto do livro *Primeiras estórias* (1962), o filho projeta a figura paterna e expõe um conflito existencial em que procura compreender a decisão do pai. No conto, o narrador-personagem utiliza o tempo verbal pretérito imperfeito, como desde o seu início, com a expressão “nosso pai era”. Tal escolha, segundo José Carlos Garbuglio, em seu livro *O mundo movente de Guimarães Rosa*, remete ao tempo de memória, onde os acontecimentos são relatados segundo a percepção do narrador:

A narrativa existe num código particular, o tempo de memória, onde os acontecimentos se classificam, segundo uma ordem interna de importância que lhes empresta o narrador. Quer dizer, existe apenas para o narrador que os viveu na ação e agora na narração, transpondo na palavra o rol dos acontecimentos. (GARBUGLIO, 1972, p.23)

No conto, o narrador-personagem relata a decisão do pai, de adentrar uma canoa no meio de um rio, “para dela não saltar nunca mais” (ROSA, 2016, p. 68). O filho busca descobrir os motivos desta atitude e, para que a família não esqueça o patriarca, aponta para a necessidade de preservar a memória paterna: “Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento. [...] E se por um pouco a gente fazia que esquecia, era só para despertar de novo, de repente, com a memória no passo de outros sobressaltos” (ROSA, 2016, p. 69).

Embora haja alguns momentos em que o filho culpabiliza o pai pela ausência, ao mesmo tempo sente a necessidade de expressar admiração “Nem queria saber mais de nós; não tinha afeto? Mas por afeto mesmo, de respeito, sempre que me louvavam por algum bom procedimento, eu falava: foi pai que um dia me ensinou a fazer assim” (ROSA, 2016, p. 70).

Luiz Tatit, em seu livro *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, explica sobre essa admiração que o filho sente pela figura paterna: “Resta-lhe a admiração pelo pai, que neste caso pode ser definida como um assombro (de tonicidade estrita) que progressivamente se converte em 'veneração' (de tonicidade ampla)” (TATIT, 2010, p. 118). Ou seja, a veneração é um processo gradativo que inicia com uma singela admiração pelo ente querido até ganhar proporções maiores na trama.

Com isso, o presente artigo busca explorar os sentimentos do filho relacionados à projeção da figura paterna: **Como e por que ocorre a veneração da figura paterna no conto "A terceira margem do rio"?** Sendo que, a veneração consiste no ato de reverenciar algo ou alguém e, muitas vezes, ocorre junto com o temor: a pessoa venera e ao mesmo tempo teme o ser venerado. Para isso, tomaremos como base a psicanálise freudiana.

Inicialmente, abordaremos a obra *Totem e Tabu* (1913), de Sigmund Freud, depois faremos um resumo do conto para situar o leitor no enredo da história e, logo após, analisaremos a projeção da figura paterna no conto. A análise se dividirá em três momentos: Veneração, culpa e penitência.

1 Estudo sobre a obra: Totem e Tabu

No livro *Totem e Tabu*, publicado em 1913, Freud nos conta sobre uma sociedade primeva, onde um pai violento queria todas as fêmeas para si e, com isso, expulsa os filhos de casa. Certo dia, os irmãos se juntam, matam e devoram o pai, na tentativa de assumir a soberania do clã. Freud explica que:

Eles odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos até então subjugados tinham de impor-se. Isso ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. [...] assim criaram, a partir da *consciência de culpa do filho*, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham que concordar com os

dois desejos reprimidos do Complexo de Édipo” (FREUD, v.11, 2012, p. 219, sublinhados nossos)

Após consumir o ato, os filhos sentiram-se culpados e passaram a venerar a figura paterna como totem. De acordo com Freud, totem é um animal, ou planta, considerado sagrado. Dessa forma, possui caráter de divindade, ou seja, é adorado por um grupo de pessoas, formando assim um clã totêmico.

No caso da lenda do pai tirano, inicialmente o pai é apresentado como um indivíduo tabu, poderoso e temido ao mesmo tempo. Após o assassinato do pai, os filhos se sentem culpados pelo ato cometido e começam a venerar a figura paterna, transformando o tabu em totem, o que pode ser associado ao Complexo de Édipo:

Se o animal totêmico é o pai, o teor dos dois principais mandamentos do totemismo - os dois preceitos que constituem seu núcleo, não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem - coincide com o dos dois crimes de Édipo que matou o pai e tomou a mãe como esposa, e com os dois desejos primordiais da criança [...] Em outras palavras, conseguiremos tornar verossímil que o sistema totêmico resultou das condições do Complexo de Édipo (FREUD, v.11, 2012, p. 203)

Sendo assim, segundo Freud, a gênese da totemização provém da necessidade infantil de assumir o lugar do pai e possuir a mãe para si. Quando o menino transgredir a estes dois tabus do Complexo de Édipo, surge a veneração da figura paterna como penitência.

Neste trabalho, não nos debruçaremos sobre o Complexo de Édipo, mas apontaremos para a significação de uma figura inserida num patamar superior aos demais, carregada de referenciais simbólicos, configurando-se como um totem e que, conectando-se ao Complexo de Édipo, resulta na veneração.

Como complementação, Freud sinaliza que o tabu poderia assumir um caminho ambíguo de interpretação:

O significado de “tabu”, se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado quer dizer “santo, consagrado”; por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro”. O contrário de “tabu”, em polinésio, é *noa*, ou seja, habitual, acessível a todos. Assim o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente. A nossa expressão “temor sagrado” corresponde frequentemente ao sentido de tabu. (FREUD, 2012, p. 42)

Isto é, tabu é tudo aquilo que desencadeia no indivíduo sentimentos ambíguos de prazer e temor. Certas situações ou estados podem ser considerados tabu, como por exemplo: a morte. A morte é um estado físico que nos desperta a curiosidade, uma vez que não sabemos o que há após ela e, ao mesmo tempo, nos causa temor do desconhecido. Outro exemplo muito antigo de tabu, é o tabu sexual. O sexo é um fenômeno natural que faz parte da necessidade fisiológica dos indivíduos e é extremamente necessário para a continuidade da vida. No entanto, desde os primórdios, a sociedade tem criado proibições sexuais.

Freud discorre sobre alguns povos primitivos, como os aborígenes australianos, que não construíam casas, não cultivavam o solo, nem possuíam qualquer domínio do artesanato ou da cerâmica, mas que mesmo sendo considerados selvagens criaram para si proibições sexuais, as quais podem ser consideradas tabus. Ou seja, os tabus podem ser consideradas as primeiras regras de manutenção social.

Com isso, é possível compreender que o tabu é expresso em forma de proibições e, naturalmente, gera nas pessoas o desejo pela transgressão, além de possuir o curioso aspecto da transmissibilidade, como afirma Freud;

O indivíduo que violou um tabu torna-se ele mesmo tabu, porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo. Ele provoca inveja; por que lhe deveria ser permitido o que a outros é proibido? Ele é, portanto, realmente *contagioso*, na medida em que todo exemplo convida à imitação, e por isso tem de ser evitado (FREUD, 2012, p. 62)

Podemos exemplificar da seguinte maneira: um determinado clã estabeleceu a proibição de “não relacionar-se com mulheres do mesmo clã”. Dessa forma, o indivíduo que romper este tabu será transformado ele mesmo em tabu porque incitará os outros a imitá-lo. Com isso, sua infração deverá ser punida com penitência.

Ainda sobre o tabu, Freud salienta:

A crença, própria no tabu original, num poder demoníaco que se acha oculto no objeto e que, se este é tocado ou usado ilicitamente, vinga-se com o enfeitiçamento do infrator, nada é senão o medo objetivado. Este ainda não se ramificou nas duas formas que assume num estágio desenvolvido: a **veneração** e o horror. (FREUD, 2012, p. 52)

Em outras palavras, a violação de um tabu, num estado desenvolvido, gera no indivíduo sentimentos ambíguos de horror e veneração e é exatamente isto o que analisaremos no conto “A terceira margem do rio”.

2 Em nome do pai e do filho: Os processos psicanalíticos

No conto “A terceira margem do rio”, o filho relembra um acontecimento da infância, que lhe deixou marcas para a vida toda: a ausência paterna. O narrador-personagem nos conta que o pai encomendou para si uma canoa e que, sem dar explicações, decidiu isolar-se da família e da sociedade.

A princípio, a família rezava e chamava, implorando o regresso do pai, mas nada surtia efeito, pois ele permanecia naqueles espaços do rio, calado, “sem fazer conta do viver”. O filho desejava ter contato com esse pai, por isso se dispôs a alimentá-lo. Às escondidas, levava broas, rapadura e cachos de banana, que depositava no barranco.

O tempo passou e o filho cresceu. Seus irmãos também cresceram e se casaram, cada um tomou um rumo diferente, inclusive a mãe, que foi embora para residir com a filha. Com isso, somente o filho, narrador-personagem, permaneceu com as “bagagens da vida”, incumbido da tarefa de “alimentar” o pai.

Ao longo da vida, o filho abdica da própria felicidade para preservar a figura paterna. Os sentimentos do filho com relação ao pai são ambíguos, pois de um lado ele sente forte admiração e, de outro, culpabiliza o pai pela ausência provocada.

Ao fim da narrativa, quando o filho já está velho, finalmente o pai aparece. O filho, que sempre desejou estar com o pai, agora sente medo e não se sente capaz de corresponder àquele chamado.

2.1 A Veneração (Do Tabu ao Totem: o filho olha o pai)

O conto inicia com a seguinte passagem: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas quando indaguei a informação” (ROSA, 2016, p. 67). Nesta passagem, o filho revela admiração pelo pai, ao atribuir características positivas à figura paterna.

Em seguida, o narrador-personagem nos conta a proeza do patriarca: encomendar uma canoa especial e adentrar nela, nos espaços de um rio, para

nunca mais saltar. A seguir, podemos observar a reação da mãe e os sentimentos do filho perante a decisão paterna:

Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás [...] (ROSA, 2016, p. 67)

Diante da situação, a mãe solicita ao pai uma decisão: partir ou ficar. Caso o velho decida partir, a condição é clara: nunca mais voltar. Essa fala da mãe promove a instauração de um tabu sob a figura paterna, uma vez que o pai passa a ser evitado. Após o pai ser transformado em tabu, o filho se sente influenciado a seguir os passos do patriarca e adentrar com ele na canoa. Isso ocorre porque o tabu tem o caráter da transmissibilidade. Segundo Freud,

Fica igualmente claro por que a violação de determinados tabus envolve um perigo social, que tem de ser conjurado ou expiado por todos os membros da comunidade, a fim de não prejudicar a todos. Se substituimos os desejos inconscientes pelos impulsos conscientes, tal perigo existe realmente. Ele consiste na possibilidade da imitação, em virtude da qual a sociedade logo se desagregaria. Deixando impune a violação, os outros se dariam conta de desejar agir da mesma forma que o transgressor. (FREUD, 2012, p. 63)

Dessa forma, como o pai é transformado em tabu, a evitação serve como medida preventiva (expição) para que os filhos não se sintam influenciados a seguir os passos do pai, uma vez que o tabu possui o caráter da transmissibilidade.

De fato, o pai não voltou. No entanto, "ele não tinha ido a nenhuma parte", somente persistia na teima, enquanto as pessoas faziam especulações sobre o motivo da partida. A seguir, há uma passagem sobre:

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. (ROSA, 2016, p.68, sublinhados nossos)

É interessante analisar que, no conto, o rio se localiza próximo à casa da família: “Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre.” (ROSA, 2016, p.67). As características atribuídas ao rio “grande”, “fundo”, “calado”, são as mesmas que podem ser atribuídas à figura paterna, sendo que o adjetivo “calado” consiste em uma personificação, a qual podemos relacionar à figura paterna, uma vez que não é o rio que está calado, mas o pai que permanece em silêncio. O silêncio do pai é o que gera a distância.

No entanto, no decorrer da narrativa é possível constatar que a ausência paterna gera a presença. Ao mesmo tempo em que o pai está fisicamente ausente, sua presença continua, refletida nos pensamentos, recordações e especulações da família e da sociedade.

Além do mais, podemos identificar que o pai continua representado como tabu, por parte da família e da sociedade, uma vez que as hipóteses levantadas na tentativa de explicar o isolamento paterno, “doideira ou lepra”, indicam que a sociedade via o pai como um tabu.

Sobre as especulações do filho e da sociedade, Luiz Tatit, em seu livro *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, ressalta:

No conto de Guimarães Rosa, o enunciador passa a maior parte da vida tentando desvendar um possível projeto detrás das cenas do pai nas águas do rio. Parece-lhe insensato que a figura definida por “estar no rio” não se atrele a outras figuras, todas vinculadas a um programa mais vasto referente a um significado global [...]. Se conseguisse vislumbrar o projeto de tais cenas, certamente cada uma delas perderia um pouco de sua tonicidade [...] a atitude do pai poderia então se enquadrar no campo das práticas utilitárias, no qual prevalece uma tendência para a dessemantização das figuras parciais em nome da valorização do projeto geral. (TATIT, 2010, p. 111)

A atitude do pai não poderia restringir-se a um motivo, porque isso prejudicaria a construção da figura paterna por parte do filho, o que comprometeria a instituição do totem. Da mesma forma que, no que tange ao texto literário, se existisse um projeto maior por detrás das cenas e este projeto fosse revelado ao leitor, certamente a narrativa perderia a tonicidade já que haveria uma ruptura da riqueza de interpretações.

Após uma reunião, a família chega ao consenso de que o mantimento que o pai possuía na canoa estava prestes a acabar e, com isso, quem sabe, o velho desistisse da “tristonha teima”. O filho, ao saber disso, toma uma decisão:

No que num engano. Eu mesmo cumpria tarefa de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. (ROSA, 2016. p. 68)

O ato de alimentar o pai pode ser compreendido, no campo religioso, como uma oferenda ao totem e, juntamente com as oferendas, as fogueiras e a reza evidenciam o caráter religioso. Além disso, é interessante ponderar que o filho alimenta o pai às escondidas, o que configura novo aspecto de tabu sob a figura paterna. Portanto, o pai se torna um totem ‘tabuizado’. Ocorre assim, a veneração da figura paterna.

Em outras passagens, é possível observar novamente que a família compreende o pai como tabu, mas que ao mesmo tempo o tabu se torna totem para o filho. Isso pode ser exemplificado no seguinte fragmento:

E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. (ROSA, 2016, p. 69)

Inicialmente, podemos identificar que a família evita não somente contato físico com o pai, mas também falar sobre ele. Com isso, podemos interpretar que há a instauração de um tabu sob a figura paterna. Freud explica sobre a proibição do contato:

[...] A proibição se estende não somente ao contato direto com o corpo, abrangendo o que designamos, em linguagem figurada, com a expressão “entrar em contato com”. Tudo o que dirige os pensamentos para a coisa proibida [...] é proibido tanto quanto o contato físico direto. A mesma abrangência é encontrada no tabu. (FREUD, 2012, p. 54-55)

Dessa forma, a família criou a proibição inconsciente de falar sobre o pai, para assim evitar entrar em contato com ele. Na segunda parte, o filho afirma que não se podia ter esquecimento do pai, o que estabelece a necessidade de

preservação da memória e, conseqüentemente, instaura o caráter totêmico da figura paterna, no qual o pai é venerado.

Freud salienta sobre a veneração:

Cabe ao luto uma tarefa psíquica específica, ele deve desprender dos mortos as recordações e expectativas dos que lhes sobrevivem. Uma vez realizado esse trabalho, a dor se atenua; com ela o **arrependimento e a recriminação**, e, portanto também, o medo dos demônios. Os mesmos espíritos que eram temidos, passam a ter o destino mais amigável de serem **venerados** como ancestrais [...] (FREUD, 2012, p. 109, grifos nossos).

A partir desta citação, podemos analisar que, no contexto da narrativa, a tentativa inicial da família era a de esquecer o pai, tratá-lo como um tabu. No entanto, após a tentativa frustrada de obedecer ao tabu, surge no filho a necessidade de contemplação da figura paterna. Por conseguinte, o pai que antes era visto como tabu, passa a ser venerado como totem.

Ainda sobre a veneração do pai, encontramos outra passagem: [...] Sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: - “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. (ROSA, 2016, p. 70). A expressão “foi pai que um dia me ensinou a fazer assim” reflete não somente gratidão, mas a superioridade que o filho projeta sobre a figura paterna, a imagem do pai como “mestre”, o que contribui com a veneração dessa figura.

2.2 A Culpa (Do Totem ao Tabu: o filho olha a si)

Após uma análise na qual o filho olha o pai, analisaremos o momento em que o filho olha para si. Logo após a veneração, podemos observar que o filho se submete a restrições: “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito” (ROSA, 2016, p. 70). Essa renúncia à qual o filho se submete é proveniente do sentimento de culpa sentido após a violação do tabu.

Sobre a renúncia, Freud salienta:

Se a violação do tabu pode ser reparada mediante expiação ou penitência, que significam a renúncia a algum bem ou liberdade, isso

vem a mostrar que a obediência aos preceitos do tabu era ela mesma uma renúncia a algo que se desejaria. A inobservância de uma renúncia é contrabalanceada por uma renúncia em outro lugar. Isso nos faz concluir que nas cerimônias do tabu a penitência é algo mais primordial que a purificação (FREUD, v.11, 2012, p. 64-65, sublinhados nossos)

Ou seja, no início da narrativa, o pai é o tabu instaurado pela família. O pai sendo tabu, o filho não poderia entrar em contato com ele e nem sequer falar dele. O tabu gera no filho o desejo pela transgressão. Quando o filho transgredir ao tabu ao venerar a figura paterna, surge a necessidade de uma penitência, pois se o filho não conseguiu obedecer aos preceitos do tabu, renunciar o contato com o pai, conseqüentemente terá que obedecer a uma nova renúncia, neste caso, a renúncia ao casamento.

A renúncia ao casamento ocorre como forma de amenizar o sentimento de culpa do filho, causado pela transgressão do tabu. O filho afirma que não poderia querer se casar porque o pai necessita dele, no entanto, não é o pai quem necessita do filho, mas o filho quem necessita do pai, uma vez que o filho é o servo do “supremo ser”, o filho é quem venera a figura paterna como forma de se sentir aconchegado na imensidão do pai.

Isso se pode notar, por exemplo, quando o filho problematiza a culpa sentida: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? se o meu pai, sempre fazendo ausência [...]” (ROSA, 2016, p. 71). Neste caso, o narrador-personagem expressa sua culpa e apresenta uma ligeira reprovação, atribuindo ao pai a responsabilidade por permanecer ausente durante tantos anos.

Tatit discorre sobre essa reprovação,

[...] Ao mesmo tempo em que assume o papel de cúmplice do autor da façanha (“Eu permaneci com as bagagens da vida, nosso pai carecia de mim”) o filho tenta transferir um pouco de sua culpa ao pai (“De que era que eu tinha tanta culpa? Se o nosso pai sempre fazendo ausência?”). Mas nem o orgulho de ser cúmplice nem a ligeira reprovação que ousa externar pelo fato do chefe ter abandonado a família são verdadeiros no contexto global da novela (“Meu pai, eu não podia malsinar”). (TATIT, 2010, p. 116)

O filho não sente orgulho de servir ao pai, ele sente culpa. Da mesma forma, ele não culpabiliza o pai pela ausência, ele culpa a si mesmo. Dessa forma, Luiz Tatit evidencia, portanto, que o sentimento de culpa do filho aumenta à medida em

que cresce a admiração pela conduta paterna. Ao realizar uma análise psicanalítica, é possível compreender que o ato de admirar o pai pode ser compreendido pelo filho como uma desobediência ao tabu imposto pela família e isso é o que nutre a culpa sentida.

Freud discorre sobre o surgimento da consciência de culpa:

Portanto, também a consciência [*Gewissen*] provavelmente surge com base numa ambivalência emocional, a partir de relações humanas bem específicas às quais se liga tal ambivalência, e sob as condições reivindicadas para o tabu e a neurose obsessiva, de que um dos sentimentos opostos seja inconsciente e conservado reprimido pelo outro, obsessivamente dominante. (FREUD, 2012, p. 113)

No caso do conto, de um lado existe o horror que é consciente (ocasionado pela instauração do tabu) e, do outro, existe a veneração que é inconsciente e reprimida. A veneração é reprimida pelo sentimento consciente de horror e isso está relacionado à preservação do tabu, pois se o indivíduo tomasse consciência de se sentir influenciado pelo transgressor, o tabu se dissolveria.

Ao final da narrativa, o filho finalmente consegue estabelecer comunicação com o pai e, com isso, tenta firmar um acordo, o de ocupar o lugar do pai na canoa:

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão (ROSA, 2016, p. 71)

Nesta passagem, podemos identificar a ambiguidade dos sentimentos, o desejo e o medo, a veneração e o horror, pois o filho, que antes desejava entrar em contato com o pai, quando consegue realizar este desejo, se sente apavorado. Freud relata sobre essa característica própria do tabu, o temor do contato:

O animal, o ser humano, o local em que há um tabu são demoníacos, não sagrados, e, portanto, não ainda impuros no sentido posterior. Precisamente, para esse significado ainda indiferente e mediano de “demoníaco”, que “não pode ser tocado”, é apropriado o termo “tabu”, pois sublinha um traço que, afinal, sempre permanecerá comum ao

sagrado e ao impuro: o temor de seu contato. (FREUD, v.11, 2012, p. 52)

Com isso, podemos atentar que, no contexto, da narrativa o pai é um totem "tabuizado", pois ao mesmo tempo em que o filho deseja entrar em contato com o pai, teme este contato. O temor do contato ocorre porque o sentimento consciente de horror tende a reprimir o desejo inconsciente de veneração.

A contemplação do filho é tão grande que ele se projeta no lugar do pai. No entanto, quando o pai aparece, o filho não se sente capaz de corresponder à imensidão paterna e isso acaba por gerar um novo tabu, o tabu do "filho covarde", que é a culpa que o filho carrega por não ser capaz de assumir o lugar do pai: "Sou homem, depois desse falimento?..." (ROSA, 2016, p. 71).

A culpa sentida pelo filho, pelo fato de não conseguir ocupar o lugar do pai, fará com que sinta a necessidade de uma penitência para se redimir pela transgressão cometida.

2.3 A Penitência (Do Tabu ao novo Totem: o filho olha além)

Como supracitado, a instauração do tabu de "filho covarde" gera a necessidade de veneração da figura paterna, para se perdoar pela transgressão cometida. Tatit detalha estes sentimentos do filho,

E o enunciador se sente cada vez menor diante do homem que conseguiu aprisionar uma eternidade no vão de uma canoinha, que delimitou o infinito... O filho não pode corresponder à imensidão do Pai e se lhe resta alguma força é para rogar ao velho (ou a quem possa atendê-lo) que o perdoe. (TATIT, 2010, p. 124)

O filho se sente pequeno diante da preeminência do "ser venerado". O servo não pode corresponder à imensidão de seu totem e o que lhe resta é humilhar-se, pedir perdão não somente por ser um filho covarde, mas também por desejar tomar o lugar deste pai, apropriar-se da supremacia paterna. À vista disso, ao mesmo tempo em que o filho se transforma em tabu por ser um transgressor, o pai se converte em totem para que o filho possa atenuar sua culpa.

Freud nos explica que "A violação de um tabu torna tabu o próprio infrator. [...]". Alguns perigos trazidos pela violação podem ser conjurados por atos de penitência e purificação" (FREUD, 2012, p. 45). Dessa forma, o fato de o filho ter

cometido uma transgressão faz com que ele (o filho) se torne um tabu. Se a violação ao tabu pode ser conjurada por um ato de penitência, resta-nos ponderar qual a penitência que o filho cumpriu.

No último parágrafo do conto, após se recusar a assumir o lugar do pai, o narrador-personagem diz o seguinte:

[...] Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, que no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio. (ROSA, 2016, p. 71-72)

Nessa passagem, o filho se sente culpado por não ter sido capaz de assumir o lugar do pai e, por isso, sente a necessidade de uma punição. Quando o filho diz “me depositem também numa canoinha de nada”, é possível interpretar esse pedido como uma tentativa de punição (isolamento) devido ao tabu de “filho covarde” que agora paira sob sua imagem, mas também se pode compreender como uma nova tentativa de ocupar o lugar do pai, o lugar que o filho criou. Dessa forma, ser depositado em uma canoa seria uma forma de imitar o pai, assumindo assim a grandeza paterna.

Sobre a punição, Freud expressa:

Apenas quando a violação do tabu não é automaticamente vingada nasce nos selvagens o sentimento coletivo de estarem todos ameaçados, devido à afronta, e apressam-se em executar eles mesmos a punição omitida. (FREUD, 2012, p. 117)

Se levarmos em consideração este fato de que, segundo Freud, o transgressor se apressa em executar ele mesmo a punição omitida, então, no que tange ao contexto global da narrativa, podemos sugerir que o filho expõe a sua dupla penitência: a primeira é a do próprio ato da escrita, que ocorre quando o filho reconhece o seu “falimento” e venera a figura paterna através da narrativa. A segunda penitência diz respeito ao fato de querer se colocar na canoa, após a morte, cumprindo-se, afinal, o seu destino de assumir o lugar do pai.

Considerações finais

Tendo em vista os fatos apresentados e ponderados, constata-se a possibilidade de uma análise psicanalítica do conto "A terceira margem do rio" com base nos conceitos freudianos de veneração, culpa e penitência.

No início do conto, o pai é um totem 'tabuizado', porque a mãe, a família e a sociedade constroem um tabu em cima dele. O filho não podia se aproximar do pai e nem sequer falar sobre ele, isso fez com que o narrador menino totemizasse este pai. O filho cria o seu pai, o pai se torna um ser idealizado e essa é a veneração: o filho se torna servo do "supremo ser".

O sentimento de culpa do filho se intensifica com a admiração da figura paterna. A culpa provém da transgressão do tabu e surge devido à ambivalência dos sentimentos, uma vez que o sentimento consciente de horror tende a reprimir o sentimento inconsciente de veneração.

No final da narrativa, o filho quer assumir o lugar do pai, o lugar que o filho criou. O fato de o filho não ser capaz de ocupar o lugar do pai na canoa acaba por gerar um novo tabu, o tabu de "filho covarde". Essa nova situação desencadeia no filho o sentimento de culpa, seguido da necessidade de uma penitência.

Como forma de penitência, o filho venera a figura paterna através da narrativa. Além disso, deixa seu pedido: que após a morte, o "depositem também numa canoinha de nada", como forma de se autopunir pela transgressão cometida e assumir o lugar do pai.

Os personagens rosianos são criados com base em um jogo de tentativa de autocompreensão. Com isso, é recorrente identificarmos essa ambiguidade dos sentimentos, como podemos observar no caso do jagunço Riobaldo, da obra *Grande Sertão: veredas*, ou no caso do onceiro, narrador-personagem do conto "Meu tio o iauaretê", ambos personagens que vivem essa dualidade bem/mal, amor/ódio, sempre em busca do autoconhecimento e ordenação de mundo.

Dessa forma, compreendemos que este artigo é de suma importância, porque propõe uma análise literária com respaldo na psicanálise, o que contribui para o conhecimento dos processos psíquicos humanos.

Bibliografia

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Vol.11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARBUGLIO, José Carlos. **O mundo movente de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ática, 1972.

RIVERA, Tania. **Guimarães Rosa e a Psicanálise**: ensaios sobre imagem e escrita. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 2005.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.